



## Reflexões sobre as Manifestações Culturais dos Catopês do Município de Montes Claros-MG

*Hamilton Pimentel Lopes Pires*

### Introdução

Os catopês são um grupo da cidade de Montes Claros-MG originados do século XVIII da época das festas de Chico Rei, em Vila Rica, localizado no estado de Minas Gerais, como exemplo de manifestação popular transmitida e perpetuada de forma oral nas tradições brasileiras; e como forma de expressão que se assemelha com a dos congados, danças organizadas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Correspondem a uma mistura de tradições religiosas católicas, festas carnavalescas e ritmos religiosos africanos. Os seus integrantes possuem vestimentas baseadas nas roupas dos negros, por exemplo, o terno brando de brim e capacetes e dançam descalço, A partir da cartilha da Prefeitura Municipal de Montes Claros [1].

Montes Claros é uma cidade localizada no norte de Minas Gerais. É composta por múltiplas identidades e territorialidades, desde outros grupos populares como marujos e caboclinhos e outros grupos urbanos etc.

Este trabalho levanta questões pedagógicas e antropológicas acerca dos catopês, abordando os seus valores empreendedores presentes nos ensinamentos passados de pai para filho; gerados pela família, pela doutrina católica e pela forma peculiar de educar. Eles têm autonomia relativa para renovar, para educar e readaptar de acordo com a situação proposta. Também têm um conhecimento profundo sobre o catolicismo; e no campo dos rituais, eles buscam reproduzir no tempo e espaço às condutas dos seus antepassados, mas sujeitos a condicionamentos estruturais.

Os catopês são amparados em valores familiares, de relações pessoal e direta. São altamente criativos e levam a sério essas obrigações religiosas. Juntamente com outros grupos possuem a sua própria associação, localizada no centro da cidade. Ser catopê é um tipo de trabalho que se deve cumprir, sem fins lucrativos, e às recebem vezes doações. Portanto, promovem a cidadania e a cooperação da coletividade em geral. Recorrem a esse tipo de performance principalmente pelos tambores como uma forma de expressão cultural e simultaneamente como um modo de celebração previsto no calendário da igreja católica. A transmissão do conhecimento é feita de forma oral de pai para filho entre os integrantes dos grupos populares dos catopês. Os indivíduos mais jovens desde cedo aprendem ouvindo as conversas dos mais velhos, participando dos atos cerimoniais da igreja católica e convivendo com as festas populares.

Zanza é mestre do primeiro terno de Nossa Senhora Rosário, isto é, quem lidera de forma geral o seu grupo dos catopês da cidade de Montes Claros. Já João Farias é mestre do segundo terno de Nossa Senhora Rosário, quem lidera de forma geral o seu grupo dos catopês, ensinando as músicas e passos e aconselhando e corrigindo os mais jovens de acordo com a doutrina religiosa e das obrigações do grupo; motivando e ajudando até financeiramente quando é preciso os adultos; e compartilhando com seus colegas mais velhos a crença forte nos santos católicos e a fé no cumprimento das promessas feitas antigamente. É um homem de palavra, se fala tem que cumprir; responsável e comprometido com quase tudo no grupo, desde a confecção de roupas, a fabricação de instrumentos e na correção do proceder dos componentes. É devoto a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo. É mais velho, e com coragem para erguer a cabeça e sobressair nos problemas cotidianos; para perseverar na festa; seguindo em frente para juntar dinheiro, organizar os componentes, na caminhada das ladeiras e ruas; com fé em Nossa Senhora! Neste caso, a origem familiar, a posição social e a sucessão da liderança têm as suas próprias lógicas. Os mestres sentem-se felizes, motivados e satisfeitos a cada festa terminada. Alimenta seu espírito, reforça o seu intelecto a cada produção da festa e resiste à dor e as intempéries. Também é uma brincadeira sadia, é uma forma de lazer. Tem sua relevância para ajudar na conscientização e entendimento sobre os mesmos e sobre outros modos de vida, com toda a sua riqueza de conhecimento e experiências vivenciadas.

A igreja católica orienta muitos estilos de vida e aspectos morais, entendê-los é uma direção para se chegar a elaborar o que são e o que significa os catopês. Nesse percurso se torna necessário entender o espaço material e simbólico da igreja, isto é, qual o seu campo de forças e domínio.

O objetivo deste trabalho é entender a cultura dos catopês da cidade de Montes Claros-MG como forma de educação empreendedora.

Deve-se propor a pensar de que maneira essas manifestações sociais, em forma de saberes tradicionais, histórias orais, técnicas, estética, arte, moral, enfim, poderiam converter-se em desenvolvimento social e local, aproveitando as potencialidades, habilidades, especificidades locais, visando à educação popular nas entidades escolares, no fomento do comércio, serviços, turismo em geral durante as festas; à ampliação e publicação dos conhecimentos, valores, posturas, visões de mundo etc., que são um mosaico riquíssimo da tradição popular montesclarensense, portanto, pensado de uma forma empreendedora.



# FÓRUM

ENSINO · PESQUISA  
EXTENSÃO · GESTÃO

# FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

# 24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)

## Material e métodos

O trabalho foi realizado a partir das entrevistas feitas nas casas dos mestres João Farias e Zanza integrantes dos catopês do terno de Nossa Senhora do Rosário e durante as Festas de Agosto para comparar o que foi dito com o que é feito, sentido e pensado pelos mesmos nas diversas situações particulares.

Pela natureza do problema delineado e pela predominância do método utilizado, optou-se pela abordagem qualitativa, fazendo uso de entrevista intensiva, de observação participante, análise de discursos e revisão de literatura, como instrumentos de coleta de dados. O universo da pesquisa foi na cidade de Montes Claros.

## Resultados e Discussão

Os catopês acreditam nas ideias, doutrinas, valores e princípios da igreja Católica Apostólica Romana. Buscam seguir com rigor os ritos compostos no seu calendário. Sua visão de mundo é materializada na forma de práticas rituais, nas celebrações e expressões, própria do seu estilo, previstos no mês de agosto, data de maior relevância, quando acontece a Festa de Agosto. Assim, eles saem às ruas dançando, cantando e simbolizando sua ideologia. Manifesta a singularidade da sua cultura, do seu modo de vida e do padrão de comportamento com ritmos também africanos. Também têm músicas e danças próprias e são ligados à religiosidade católica. Atuam seus aspectos festivos e musicais como os bailados somados as representações luso-espanholas.

Esse grupo tem um forte papel no processo de socialização e de educação de seus filhos e integrantes, de acordo com a moral e o código de conduta definido pelos mesmos. A primeira referência tende a estar ligada à instituição família, responsável por transmitir os conhecimentos e os saberes e transferir as experiências passadas e os ofícios, preparando-a para a vida. Contribuem para a formação do caráter, da personalidade e do reconhecimento da identidade de grupo, enfim, criando um ambiente de relações entre o grupo e fora do grupo.

De acordo com Bourdieu [2], a criança envolvida com os catopês desde cedo internaliza os esquemas de percepção e apreciação inseridos nas práticas do seu grupo, de acordo com sua posição social, e classifica as práticas dos outros agentes fora do grupo,

Embasado no educador Fernando Dolabela [3], de acordo com o contexto do estudo, a educação empreendedora tem a proposta de estimular as potencialidades individuais e coletivas dos catopês, isto é, ressignificando os conhecimentos e os modos de fazer populares e ambientais e valorizando as ideias de cooperação e solidariedade, os princípios éticos e religiosos, as opiniões públicas, a arte e a estética, enfim, o poder de inovar nos dias atuais. Para este mesmo autor ser empreendedor nesse sentido seria a capacidade do educador de ter a percepção de enxergar potencialidades sociais e econômicas na combinação entre os conhecimentos dos catopês e dialogar com os conteúdos sistemáticos trabalhados em sala de aula, desenvolvendo um conhecimento muito mais elaborado e integrado, não subtraindo saberes, mas multiplicando possibilidades. Também outro aspecto que se trata na questão cultural, no patrimônio imaterial da cidade, na oportunidade de acender o comércio local pelo turismo e pela riqueza histórica desses grupos.

Podem-se estudar também os atores protagonistas como, por exemplo, o mestre Zanza do primeiro terno de Nossa Senhora do Rosário e João Farias do segundo terno de Nossa Senhora do Rosário que são integrantes do grupo dos catopês de Montes Claros. Eles são importantes, porque nasceram no universo dos catopês, tendo um contato íntimo com a religiosidade católica e suas práticas.

Farias e Zanza têm também um papel educacional para com o grupo. Eles ajudam na formação dos integrantes mais novos a ensinar regras morais e de comportamento aceito e definido pelo grupo e com coerência em relação à sociedade montesclarensense, impondo limites, respeitando os mais velhos e as experiências passadas, enfim, um papel pedagógico empreendedor que extrapola as instituições educacionais legais, mas com reconhecimento legítimo e eficácia social.

É muito caro para esta discussão compreender de que forma o conceito de identidade poderia auxiliar no entendimento sobre o grupo dos catopês, pensando nisso, a igreja católica foi e ainda é a instituição dominante, no tocante ao modo de vida dos catopês, fazendo com que tenha e tem a capacidade de construir identidades por meio da interiorização de suas ideias, carregado de apelo emocional e também racional com relação aos valores e convicções; e os seus sistemas de signos são as fontes de significado e produtoras de experiências compartilhadas e repetidas, Castells [4].



# FÓRUM FEPEG

ENSINO · PESQUISA  
EXTENSÃO · GESTÃO

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos · Apresentações artísticas  
e culturais · Debates · Minicursos e Palestras



24 a 27  
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Os mestres João Farias e Zanza coordenam e organizam as reuniões, instruem e corrigem quando é preciso. Se os mais novos erram o ritmo, a harmonia e orquestra ou distraem, eles chamam a atenção e procura executar a correção na hora para disciplinar o comportamento do integrante para não acontecer mais, apresentando os condicionamentos associadas às condições dos mais jovens, neste caso, a idade como referência de status desfavorecido com relação aos mais velhos e com distância ainda maior de Farias que é a representação da autoridade do grupo.

Ele, Farias, compara a um governo que precisa de ordem, e reforça que ali tem um sentido religioso, sagrado, sacralizado nos atos práticos. Eles chamam a responsabilidade para nós: “nós os cabeças do terno, se não tiver bastante consciência não faz a festa” (entrevista concedida por João Farias, 2013). Isto é, eles têm condição privilegiada e maior responsabilidade depositada. A partir disso, ter consciência, jogo de cintura, sensibilidade, bom relacionamento, compreensão, cooperação, articulação com a comunidade é papel social e pedagógico da liderança. Também com caráter, princípio, virtude para não desviar o foco e “executar sempre o certo”, isto é, uma aula de bem-viver e coexistir. Com o passar dos anos, o sentido e o significado dos catopês para os integrantes foi mudando, qualquer reclamação do mestre para com os integrantes produzia constrangimento, vergonha moral e sentimento dobrado. Entretanto, hoje ele chama a atenção dos mais novos e eles não estão nem aí. Ele reclama novamente e não há uma preocupação. Ele afirma que o compromisso com a igreja e os festeiros de levantar o mastro e puxar o reinado era uma obrigação dobrada, no sentido de valor cultural e religioso dobrado, parecendo uma novena.

Para Zanza a criação dos jovens de ontem era diferente da de hoje. “Hoje não pode nem corrigir os filhos. O pai passa a tradição, mas os filhos não respeitam. Não estudam para saber o que é a tradição. O problema está na Liberdade de hoje. Hoje o problema é porque muda a lei. Se o pai bater vai par a cadeia” (entrevista concedida por mestre Zanza, 2013). Portanto, o primeiro mestre aponta críticas sobre o modo de criação de hoje dos filhos, a ausência de disciplinas que resgatam o modo de vida dos catopês e a incoerência da lei.

“A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: ele reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros” Claval, p. 13 [5].

A crença católica é muito presente na vida dos catopês. Também, que de acordo com João Farias, a promessa ou o cumprimento da mesma é a maneira de aplicar as manifestações religiosas dos catopês. De acordo com Farias (2013): “o evento é para pagar a promessa” (...) “promessa sobre a alforria” (...) “ser fiel ao pagamento da promessa” (...) “um batuque catopê para comemorar” (...) “só iria parar no último dia de minha vida”.

## Conclusões

Este trabalho abordou os valores empreendedores dos catopês, presentes nos ensinamentos tradicionais passados de pai para filho; pela doutrina católica e pela forma peculiar de educar. Eles buscam reproduzir no tempo e no espaço às condutas dos seus antepassados, mas sujeitos a condicionamentos estruturais. Os mestres sentem-se felizes, motivados e satisfeitos a cada festa terminada. Alimenta o seu espírito, reforça o seu intelecto a cada produção da festa e resiste à dor e as intempéries.

Essas manifestações sociais, em forma de saberes tradicionais, histórias orais, técnicas, estética, arte, moral, enfim, podem converter-se em desenvolvimento social e local, quando aproveitado as potencialidades, habilidades, especificidades locais, visando à educação popular nas entidades escolares, no fomento do comércio, serviços, turismo em geral durante as festas; à ampliação e publicação dos conhecimentos, valores, posturas, visões de mundo etc., que são um mosaico riquíssimo da tradição popular montesclarenses, pensado de uma forma empreendedora. Pode-se entender que esses saberes, técnicas e práticas dos catopês são um conjunto potencialmente riquíssimo de documentos material, simbólico, histórico, cultural e educacional de/para a cidade de Montes Claros.

O grupo é responsável pela socialização e formação do caráter do indivíduo, pautando e pautado no respeito aos mais velhos, na valorização da família e nas relações sociais de proximidade.

Portanto, os mestres Zanza e João Farias apontam críticas sobre o modo de criação de hoje dos seus integrantes mais novos, devido às contradições ideológicas existentes entre globalização e tradição; também que o sistema educacional não possui disciplinas, como a antropologia, que resgatam os ensinamentos tradicionais; a ausência de políticas públicas do governo municipal para a promoção da cultura; os mandatos municipais acabam reproduzindo a lógica globalizada, hegemônica, pautada na homogeneização das culturas; a tevê e a mídia em geral condicionam a mente dos montesclarenses em geral; a incoerência da lei; enfim, propõem outros valores como a solidariedade, religiosidade, cooperação, confiança, respeito, participação popular; a valorização da família, do trabalho, da memória; e da busca constante de autonomia e conscientização da população.

## Referências

[1] PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Caderno de Agosto. Patrimônio Imaterial e Escola. Volume I. Montes Claros: Secretaria de Cultura, 2003.



**FÓRUM** ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

# FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes  
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

**24 a 27**  
**setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)

[2] BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

[3] DOLABELA, Fernando. Pedagogia Empreendedora. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

[4] CASTELLS, Manuel. Paraísos Comuns: Identidade e Significados na Sociedade em Rede. In o Poder da Identidade. 2 ed. São Paulo: 2000, pp. 21-28; A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, V. 2.

[5] CLAVAL, Paul. Geografia Cultural. 2ª ed. Florianópolis: Atlas, 2001.